

A NEUTRALIDADE EM DEFESA DO TOTALITARISMO: A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E AS BRIGADAS INTERNACIONAIS NAS PÁGINAS DO CORREIO DO POVO

Gerson Wasen Fraga*

Resumo: A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi um acontecimento que movimentou paixões durante seu desenrolar, mas que também foi entendida e apresentada de múltiplas formas pela imprensa escrita do período. Neste artigo, pretendemos mostrar de maneira breve como este conflito foi exposto pelo jornal *Correio do Povo*, o periódico mais importante da cidade de Porto Alegre naquele momento, dando um enfoque especial às Brigadas Internacionais que lutaram em defesa da República. Embora ostentasse uma aura de imparcialidade política, o *Correio do Povo* não hesitou em defender o golpe franquista em seus editoriais, colunas e ao longo do próprio noticiário local, vinculando em seu discurso a defesa do golpe militar na Espanha a uma ideia de defesa do próprio Brasil diante de uma pretensa ameaça representada pelo avanço do comunismo internacional.

Palavras chave: Imprensa, Guerra Civil Espanhola, Brigadas Internacionais, Jornal *Correio do Povo*.

Abstract: The Spanish Civil War (1936-1939) was an event that moved passions during its development, but

* Professor do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, e dos Programas de Pós-Graduação em História da UFFS, Campus Chapecó, e Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS, Campus Erechim. gwfraga@terra.com.br

which was also understood and presented in multiple forms by the written press of the period. In this paper, we intend to show briefly how this conflict was exposed by the newspaper *Correio do Povo*, the most important newspaper in the city of Porto Alegre at that time, giving a special focus to the International Brigades that fought in defense of the Republic. Although it displayed an aura of political impartiality, the *Correio do Povo* did not hesitate to defend the francoist coup in its editorials, columns and throughout the own local news, linking in its speech the defense of the military coup in Spain to an idea of defense of the own Brazil in the face of an alleged threat posed by the advance of international communism.

Keywords: Press, Spanish Civil War, International Brigades, Newspaper *Correio do Povo*

Introdução

... só existe imprensa livre quando o povo é livre; imprensa independente, em nação independente – e não há nação verdadeiramente independente em que o seu povo não seja livre.
(SODRÉ, 1983:8)

O papel desempenhado pelos periódicos na formação da opinião pública, mostrando fatos a partir de determinado ponto de vista ou silenciando a respeito de certos acontecimentos, é ponto já amplamente debatido e, contudo, sempre atual. Com efeito, vemos ao longo do tempo que o tratamento dado pela imprensa como um todo – a imprensa escrita incluída – aos fatos por esta selecionados, busca gerar determinado impacto na opinião pública, refletindo, em última instância, os anseios e interesses daqueles que detém o controle dos meios de comunicação social, sejam privados ou estatais. Buscam, assim, uniformizar valores culturais, sociais e/ou políticos, a fim de que a sociedade seja moldada por aquilo que é informado e pelas

suas opiniões, difundidas em larga escala.

Dentro destas considerações, nosso objetivo aqui é demonstrar como a Guerra Civil Espanhola e a ação das Brigadas Internacionais foram apresentadas à sociedade gaúcha – em um contexto nacional marcado pela ascensão do Estado Novo e sua ideologia nacionalista¹ – por aquele que era, quando da eclosão do conflito, o principal veículo de informação escrita no Estado: o jornal *Correio do Povo*, veículo possuidor de grande credibilidade e pretensamente neutro em questões políticas (Cfe: RÜDIGER, 1991: 65-6).

A importância do *Correio do Povo* na imprensa gaúcha no começo do século XX.

No final da conturbada década de 1930, o acesso à informação no Rio Grande do Sul dava-se basicamente através de duas maneiras: as locuções radiofônicas e as publicações jornalísticas. Entre estas últimas, duas empresas disputavam a hegemonia do mercado de jornais e o subsequente controle sobre a formação da opinião pública gaúcha: o *Diário de Notícias*, órgão fundado em 1925 e que cinco anos mais tarde ligou-se ao nome do empresário Assis Chateaubriand, e o *Correio do Povo*, surgido em 1895 sob a batuta de Francisco Caldas Junior, que propunha fazer um jornalismo de cunho

¹ Autores como Skidmore e Tavares vinculam o nacionalismo estadonovista à intervenção estatal na economia, auxiliando na formação de um mercado capitalista brasileiro, ao qual seriam especialmente sensíveis as classes urbanas. Fausto apresenta o Estado Novo como um momento de aliança entre setores civis, militares e industriais, objetivando a industrialização nacional sem comoções sociais e sem que houvesse uma ruptura com o passado. Sola apresenta-o como um conflito entre elites político-militares e elites político-econômicas, patrocinado pelas primeiras, mas sem que a afirmação do Estado nacional acarretasse a hegemonia de algum grupo específico. (Cfe: SKIDMORE: 2000; FAUSTO: 1996; TAVARES: 1991; SOLA 1978.)

popular e pretensamente neutro em termos políticos². Gozando de um grande prestígio junto à sociedade gaúcha e possuindo a liderança do setor, o *Correio do Povo* era visto por muitos como uma espécie de “agente confirmador da veracidade dos fatos”, a quem podia-se recorrer em caso de controvérsias (Cfe: DILLENBURG, 1997: 95).

A conquista desta posição pelo *Correio do Povo* se deve basicamente à postura administrativa assumida pelo seu fundador, que o gerenciava de forma realmente empresarial, ao contrário dos demais jornais de fins do século XIX, que dificilmente poderiam ser caracterizados como possuidores desta perspectiva. Ao contrário destes, o *Correio do Povo* investia continuamente em sua estrutura tecnológica, procurando reduzir seus custos para atingir um conjunto sempre maior de leitores. Bons exemplos deste fato são a montagem da primeira impressora rotativa do Estado, em 1910, e a aquisição de um aparelho de radifoto da *Associated Press*, em 1938 – um dos primeiros do Brasil. Ao mesmo

² A pretensa neutralidade política do *Correio do Povo* era explicitada já no primeiro editorial: “Independente, nobre e forte – procurará sempre sê-lo o *Correio do Povo*, que não é órgão de nenhuma facção partidária, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna (...). Emancipado de convencionalismos retrógrados e de paixões inferiores, procurará esclarecer imparcialmente a opinião, apreciando com isenção de espírito os sucessos que se forem desenrolando e os atos dos governantes, para censurá-los quando reprováveis, para aplaudi-los quando meritórios”. Este artigo de lançamento do *Correio do Povo*, escrito por Caldas Júnior e publicado no primeiro número do jornal, em 01 de outubro de 1895, foi republicado por ocasião dos 41 anos do jornal. In: *Correio do Povo*, 01 de outubro de 1936, p. 1. É interessante notar que, embora passado mais de um século, e não estando mais sob o controle da família Caldas, este primeiro editorial ainda integre o “patrimônio” com o qual o *Correio do Povo* busca apresentar-se à sociedade. Em 28 de outubro de 2002, um dia após as eleições nacionais, em sua primeira página, o jornal publicou um pequeno trecho deste texto, aludindo ao fato de seu instituto de pesquisas ter antecipado os percentuais finais da eleição para o executivo estadual, contrariando as estimativas feitas pelos institutos IBOPE e CEPA/UFRGS, publicados pelo jornal *Zero Hora*, que projetavam uma maior vantagem ao candidato eleito. Todas as transcrições do jornal aqui apresentadas estão com sua grafia atualizada.

tempo, o desenvolvimento dos meios de transporte pelo interior do Estado proporcionava-lhe uma ampla distribuição, sobrepondo-se a muitas iniciativas regionalizadas, e fazendo valer o poder de sua palavra impressa.

Ainda durante este período, a estrutura dos jornais gaúchos passa por um processo de modificação, onde os artigos de cunho político e cultural cedem espaço para as notícias informativas, transmitidas em muitos casos por agências internacionais capazes de enviar diariamente um grande fluxo de matérias providas de lugares extremamente distantes entre si. Simultaneamente, as primeiras agências de publicidade fazem uso dos meios de comunicação a fim de atingir seu mercado potencial. Sobre esta ampla gama de relações, Nelson Werneck Sodré comenta:

É fácil avaliar a terrível força da engrenagem que se compõe de agências de notícias, agências de publicidade e cadeias de jornais e revistas, sua influência política, sua capacidade de modificar a opinião, de criar e manter mitos ou de destruir esperanças e combater aspirações. Quando se verifica que essa gigantesca engrenagem é simplesmente parafuso de engrenagem maior, a que pertence, do capitalismo monopolista, ainda mais fácil é estimar o seu alcance de poder (SODRÉ, 1983: 6).

Desta forma, ao contrário de outros jornais, que abertamente expressavam suas opiniões políticas, como *A Federação* ou *A Época*, o *Correio do Povo* era respaldado por uma aura de imparcialidade extremamente conveniente a um órgão de imprensa, o que formava uma ampla credibilidade junto à comunidade. Ao mesmo tempo, sua estrutura administrativa o inseria de modo eficaz na lógica de mercado que então se instalava no setor jornalístico. Encontrava-se assim, apto não apenas a defender suas posições, mas também a propagá-las dentro da sociedade gaúcha, fazendo prevalecer “sua verdade” sobre qualquer

assunto que estivesse em pauta. A Guerra Civil Espanhola, devido ao grau de repercussão que atingiu ao aglutinar dentro de um único território as forças políticas que disputavam a hegemonia europeia naquele momento, não poderia se constituir em exceção à regra.

“Imparcialidade” e papel do *Correio do Povo* no Estado Novo

Antes de passarmos à análise da forma com que o *Correio do Povo* tratava a Guerra Civil Espanhola e a ação das Brigadas Internacionais, convém que abordemos de forma sumária dois pontos dignos de nota, e que de alguma forma refletem-se no tratamento dado pelo jornal ao conflito: sua pretensa neutralidade política, bem como a forma com que o Estado Novo incide sobre a empresa, após sua promulgação em novembro de 1937.

Embora alguns trabalhos que tenham se debruçado sobre a trajetória do *Correio do Povo* tendam a confirmar sua imparcialidade (Cfe: DILLENBURG, 1997; GALVANI, 1995: 330-1) parece-nos correta a análise de Francisco Rüdiger, ao declarar que “o *Correio do Povo* (...) nunca foi um jornal apolítico, como reza sua lenda” (RÜDIGER, 1991: 70). Esta característica fica latente não apenas através da análise dos editoriais e artigos veiculados pelo jornal – como os que serão posteriormente expostos – mas também quando atentamos para as palavras de alguns de seus principais articulistas sobre suas próprias convicções políticas. Dois exemplos parecem fundamentais a fim de que possamos ter uma leitura correta sobre o posicionamento do jornal diante do conflito espanhol. Tomemos inicialmente o depoimento de Breno Caldas, diretor-presidente do periódico a partir de 1935, cedido a José Antonio Pinheiro Machado. Embora se refira a outro evento histórico, a resposta de Breno Caldas demonstra bem como a decantada

imparcialidade do *Correio do Povo* deve ser relativizada:

P-Dois anos mais tarde, o *Correio do Povo* voltaria a se posicionar a favor de um movimento revolucionário: a Revolução Constitucionalista de 1932...

Breno Caldas – É... o *Correio do Povo* procurava ter uma posição de neutralidade, mas, para ser bem franco, era, sem dúvida, uma neutralidade simpática aos revoltosos de 32” (PINHEIRO MACHADO, 1987: 110).³

O segundo exemplo a ser observado refere-se ao articulista Christóvão L. Paledzki, responsável pela coluna intitulada “O Momento Mundial”, onde este analisava a movimentação política do mundo de então, especialmente no que referia-se ao continente europeu. É o próprio Paledzki que se define:

“– Sou conservador. Observo as mutações operadas com certo pessimismo. Impressiona-me a futilidade das teorias políticas que se chamam ‘avançadas’ e cujo debate apasiona o mundo, dividindo-o em campos opostos.”⁴

Sobre a importância do *Correio do Povo* após o autogolpe dado por Vargas em novembro de 1937, não pretendemos aqui nos estender de forma demasiada, uma vez que este não se constitui em nosso objeto de análise. Todavia, algumas pequenas considerações se fazem necessárias. Embora seja reconhecido como um período de grande

³ Este momento, contudo, demonstrou-se especialmente agitado na História do jornal. André Carrazoni, um de seus diretores naquele momento, deixou a empresa após ter um editorial seu vetado pelo próprio Breno Caldas, então secretário de redação. Na continuação de seu depoimento a Pinheiro Machado, Breno Caldas afirma que este editorial, “na prática, era contra a Revolução” (Cfe: PINHEIRO MACHADO, 1987: 111). Já Galvani afirma que “Breno Caldas (...) controlava os passos de Carrazoni porque achava que ele estava inclinando o jornal para o lado paulista” (Cfe: GALVANI, 1995, p. 298).

⁴ CORREIO DO POVO, 22 mar. 1938, p. 7.

cerceamento à atividade jornalística⁵, o Estado Novo não deixava de se utilizar em larga medida do poder de penetração dos grandes periódicos junto à sociedade. Assim, impunha “critérios que direcionavam a visão dos fatos, mutilando aspectos, fornecendo visões oficiais, minimizando ou valorizando acontecimentos segundo o que lhe convinha” (GOULART, 1990: 22). Tais características refletiam não apenas o centralismo nacionalista de Vargas, mas também o sentimento anticomunista, extremamente difundido na grande imprensa após o fracasso da Intentona Comunista em 1935 e o forjamento do plano Cohen em setembro de 1937. Buscava assim o Estado Novo utilizar a imprensa como um agente intermediador entre governo e sociedade, a fim de propagar nesta os valores pertinentes à nova situação política. Conforme Andréa Torres, *o Correio do Povo* (juntamente com o *Diário de Notícias*) cumpria com esta tarefa perante a sociedade gaúcha, “fortalecendo a ideia de nacionalização com a intenção de estabelecer uma identidade única e soberana às interferências externas ao país e à possível ameaça da segregação racial entre os *legítimos* brasileiros e os imigrantes estrangeiros” (TORRES, 1997: 58). Com efeito, a assimilação cultural de pessoas – especialmente crianças – que habitavam em áreas tradicionalmente conhecidas como sendo de colonização estrangeira passava a ser uma das grandes preocupações da administração estadual naquele momento, uma vez que estas possuíam valores culturais não identificados com a proposta nacionalista oficial. Especial atenção, neste caso, recebeu a educação nas escolas existentes em áreas identificadas com a imigração italiana ou alemã.

⁵ O controle sobre a atividade jornalística neste período dava-se inicialmente através do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, criado em 10 de julho de 1934, sendo posteriormente substituído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão criado em 27 de dezembro de 1939. A extinção do DIP se dá somente em maio de 1945 (Cfe: TORRES, 1999, p. 53-4, 58).

Possuindo um histórico de apoio às políticas varguistas, ao menos em nível regional (RÜDIGER, 1998: 68)⁶ o *Correio do Povo* não tinha o nacionalismo e o anticomunismo como sentimentos estranhos às suas páginas. Assim, em seus artigos editoriais que tomavam como objeto de análise o conflito na Espanha, defendia, já no começo do conflito, uma clara separação entre as partes:

Chamar de rebeldes os que estão no campo da luta, com a viseira erguida e desmascarando os adversários, é, por outro lado, uma heresia. Não é com esse qualificativo que se respeita a atitude desassombrada dos generais que lançara o desafio, com toda a coragem, aos que, de indústria, subterfugiam a seus propósitos. Brancos e Vermelhos é como, d'ora avante, devemos distinguir os contendores, nem mesmo admitindo outra designação nos telegramas ou nas referencias dos noticiários. Por brancos se entendam os que são nacionalistas, tradicionalistas, cristãos e generosos. Por vermelhos, se entendam os que são comunistas, internacionalistas, materialistas e impiedosos.⁷

Assim, as análises apresentadas pelo jornal sobre a situação espanhola serão feitas dentro dos parâmetros propostos pelo Estado Novo – defesa da nacionalidade em oposição ao inimigo externo dotado de anseios internacionalistas/imperialistas. Outro bom exemplo deste fato é o editorial do dia 21/11/1937, intitulado “Pela União Sul-Americana”:

Considerando-se os acontecimentos internacionais sobretudo aqueles que se prendem às tentativas de segurança e defesa nacionais, observar-se-á, mesmo o espírito mais displicente a sorte de outros povos, que a reação contra a infiltração comunista se espalha e se aprofunda no ânimo de todas as

⁶ Em seu depoimento a Pinheiro Machado, Breno Caldas afirma: “o *Correio do Povo* ajudou a financiar a Revolução de 30, pagamos viagens, despesas dos revoltosos... Por causa desses gastos, os anos de 1929 e 1930 aparecem como os únicos em que fechamos o ano em vermelho, até os tempos mais recentes” (Cfe: 1987, p. 106-7).

⁷ CORREIO DO POVO, 07 ago. 1936, p. 5.

nações que, efetivamente, querem colocar as suas instituições e as suas tradições espirituais a salvo da dominação terrorista da Rússia Soviética.

Por toda parte do continente europeu se concentram as forças vivas da nacionalidade em socorro da integridade político-econômica e econômico-social dos países ameaçados pelo imperialismo vermelho, ou seja, o regime da desvirtuação constitucional, institucional, social, mental e religiosa dos povos onde se implanta integral ou parcialmente.

Desesperançada na Espanha, desiludida quase completamente no Japão, varrida na Itália, corrida na Alemanha, expulsa em todas as nações de senso, que não podem recebê-la, a Rússia, de certo, tentará a sua penetração na América do Sul. (...)

Travando conhecimento direto e indireto com esse perigo é que o Brasil deu a dez de novembro o seu passo decisivo na defesa das suas instituições e do seu povo. Sem hostilidades rivais, sem preconceitos de hegemonia continental, as nações sul-americanas, compreendedoras da atitude defensiva e acauteladora do nosso país, deviam, antes de discutir feições doutrinárias da constituição, colocar-se em espontânea solidariedade umas com as outras, vinculadas ao Brasil, nos mesmos propósitos de assegurar aos seus territórios e às suas populações os meios aptos e adequados para uma resistência forte, onipresente e onímoda, contra os assaltos dos assalariados pela Rússia⁸.

Assim, é natural que, diante das possibilidades revolucionárias que se apresentavam para a Espanha naquele momento, o *Correio do Povo* assumisse um posicionamento que, quando não abertamente alinhado às forças franquistas – como muitas vezes o foi – era, ao menos, revestido de uma “neutralidade simpática” a estas.

A guerra civil espanhola nas páginas do *Correio do Povo*

“Em política – somos pela República, e só alimentamos a aspiração patriótica de vê-la pujante e

⁸ CORREIO DO POVO, 21 nov. 1937, p. 5.

próspera, capaz de fazer a felicidade deste grande país, fadado aos mais altos destinos”.⁹

O leitor ou pesquisador desavisado, que tiver contato com o trecho acima, extraído do primeiro editorial do *Correio do Povo* e republicado em razão da passagem dos 41 anos do periódico, poderá supor, por analogia, a existência de alguma simpatia por parte deste para com a República espanhola em seu conflito com as forças nacionalistas. Tal suposição se desfaz através da análise dos editoriais publicados ao longo da Guerra Civil. Já nos primeiros dias desta, evidenciava-se a existência de uma sintonia entre os editorialistas e os ideais propagados e defendidos pelas forças franquistas, sintonia esta que se coadunava de forma perfeita ao espírito da propaganda oficial anticomunista então veiculada através dos grandes órgãos da imprensa escrita brasileira. Desta forma, a Espanha seria continuamente apresentada ao longo do conflito como o modelo do qual o Brasil deveria afastar-se, o que ficaria expresso já no primeiro editorial que centrava-se no embate espanhol, logo após a deflagração do golpe franquista:

Na Espanha está sendo empenhada, seriamente, pelas armas, a luta entre os dois extremos políticos. De um lado, formam os monarquistas, os católicos e os fascistas. Do lado oposto arregimentam-se e combatem os socialistas e os comunistas. Fez-se, claramente, a distinção no seio da agitada vida política da Espanha, que, agora, serve de exemplo aos países que ainda não entraram inteiramente, em convulsão mas que já sentem os efeitos da transformação por que o mundo passa, entre idéias contrárias ...”¹⁰

Embora este primeiro editorial não expresse de forma explícita o posicionamento do *Correio do Povo* diante do

⁹ Artigo de lançamento do *Correio do Povo*, originalmente publicado em 01 out. 1895, In: CORREIO DO POVO, 01 out. 1936, p. 1.

¹⁰ CORREIO DO POVO, 22 jul. 1936, p. 3.

conflito, é possível já perceber como a Guerra Civil Espanhola se constitui em um evento “didático” a ser utilizado na propagação da linha política seguida pelo jornal. Um segundo editorial publicado três dias depois, tratou de melhor situar o *Correio do Povo* em relação aos beligerantes:

Uma guerra civil, dir-se-ia, se nessa expressão se pudesse resumir tudo o que de mais violento ela contivesse. Um prélio entre partidos políticos não seria uma designação própria, porque se há embates entre opiniões ou credos, a batalha, ora empenhada no seio da velha e tradicional nação ibérica, também entranha, profundamente, o ódio de classes sociais. Também importa na defesa da propriedade, dos laços de família, da religião, da civilização cristã, de que a Espanha foi outrora, um dos esteios mais vigorosos, ou implica a destruição sistemática, radical de todas estas instituições seculares, se, porventura, por um mau fado da Humanidade, vencessem os que se opõem a revolução Espanhola, nesta hora extrema de uma suprema convulsão.¹¹

Assim, ao longo do conflito espanhol, os editoriais e colunas do *Correio do Povo* oscilavam em um comportamento mais ou menos explícito de apoio a Franco, ora considerando a vitória deste como sendo, dos males, “o de menos efeitos perniciosos”¹², ora pintando os governistas espanhóis como sendo “mistos de anarquistas sumariamente destruidores, de bolchevistas instintivamente sanguinários e de republicanos e socialistas que não deixaram de sofrer os contágios das carnificinas”¹³. No entanto, em qualquer destas situações, nunca deixou o nacionalismo de ser considerado como o valor supremo a ser defendido diante da ameaça das ideologias de esquerda, apresentadas repetidamente como portadoras de ideais de desagregação nacional e capazes de subverter a ordem social estabelecida. Todavia, em alguns

¹¹ CORREIO DO POVO, 25 jul. 1936, p. 3.

¹² CORREIO DO POVO, 07 ago. 1937, p. 5.

¹³ CORREIO DO POVO, 08 abr. 1938, p. 5.

momentos, os textos editoriais e as colunas veiculadas pelo *Correio do Povo* apresentavam uma grande aproximação com a visão nazifascista sobre o comunismo e seus possíveis agentes de propagação, conforme o texto abaixo, extraído da coluna “O Momento Mundial”¹⁴:

Dum lado gerou a guerra o monstro voraz do bolchevismo, que aniquilou as classes cultas da Rússia para poder reduzir a massa popular russa a uma escravidão absoluta e que ameaça despedaçar da mesma maneira todas as outras nações. O comunismo é evidentemente uma arma dos judeus tendente a estabelecer uma servidão bárbara em escala mundial.

Doutro lado, porém, a mesma guerra criou os remédios anti-comunistas e anti-semitas indispensáveis e que no fundo dão no mesmo, visto serem os judeus os portadores e disseminadores principais da lepra vermelha (...).

O velho problema judeu está amadurecendo para uma solução total. Trata-se de terminar a dispersão dos judeus, e de restabelecer uma nação israelita sadia, soberana, com todas as suas classes sociais normais e em território nacional livre.¹⁵

A par dos artigos editoriais e das colunas assinadas, havia ainda outra forma pela qual manifestava-se o alinhamento entre o *Correio do Povo* e os ideais nacionalistas: a publicação das notícias enviadas diariamente pelas agências especializadas, forma muito mais sutil de propagação ideológica entre a opinião pública, uma vez que o direcionamento desta ocorre através do fluxo noticioso, geralmente editado de forma a valorizar a característica da impessoalidade, apresentando os acontecimentos sob uma óptica una e inquestionável. Estas matérias podem, a grosso modo, ser divididas em três grandes grupos, conforme a sigla

¹⁴ Neste período, esta coluna recebia a assinatura de um autor identificado apenas como “Lécheç”, e não a de Christóvão L. Paledzki, seu titular. Todavia, a coluna “O Momento Mundial” surgiu no ano de 1932, nas páginas do jornal *Estado do Rio Grande*, sendo já assinada por Paledzki. Acreditamos, desta forma, que o colunista tenha apenas assumido um pseudônimo ao longo de certo tempo.

¹⁵ CORREIO DO POVO, 20 jan. 1937, p. 5.

sob a qual se apresentavam à época. Um primeiro bloco de notícias era apresentado como estando sob a responsabilidade da Agência Brasileira (AB), sendo esta, indiscutivelmente, a fonte responsável pelas notas dotadas de um maior grau de sensacionalismo e anticomunismo, bem de acordo com a linha política nacionalista adotada pelo governo brasileiro. Não eram incomuns, por exemplo, notas creditadas à AB com um teor semelhante a esta, que reproduzimos a título de exemplo:

Fazendo Um Apelo Aos Comunistas Franceses

PARIS, 13 (A.B.) – O discípulo de Moscou, que se diz ministro dos estrangeiros, Del Vayo, declarou ontem de noite, diante de uma reunião da juventude comunista, que não era conveniente exagerar o otimismo, mas que era preciso ao contrário encarar as coisas de frente e recrutar todas as forças para salvar Madrid. Isto quer dizer que as crianças também devem morrer nas barricadas para maior glória de Moscou.¹⁶

Ao mesmo tempo, a AB apresentava, em suas notícias, uma certa sintonia com os órgãos noticiosos da Alemanha hitlerista. Com efeito, eram frequentes as citações de matérias apresentadas originalmente em tais veículos de comunicação, garantindo a sua reprodução, para além da “verdade nacionalista”, a difusão, junto à população gaúcha, da “verdade oficial dos aliados de Franco”. Exemplificamos com a citação abaixo:

O Papel dos Soldados das Brigadas Internacionais”

BERLIM, 24 (A.B.) – Referindo-se a brigada internacional, que combate na Espanha, o “Angriff” acentua que é formada por homens alistados pelo Komintern, que combatem sobretudo pelo triunfo da idéia da revolução. Ninguém ainda perguntou, acrescenta o jornal, o que se tornarão estes homens quando tiver terminado a guerra na Espanha. Tudo faz prever, que voltando ao seu país, ali representarão um exército

¹⁶ CORREIO DO POVO, 14 out. 1936, p 3.

perigoso e aguerrido pronto a aproveitar a primeira ocasião para instaurar a ditadura, as ordens de Moscou.¹⁷

Um segundo grupo de matérias publicadas pelo *Correio do Povo*, quando abordava os acontecimentos que então agitavam o mundo, provinha de duas grandes agências internacionais de notícias: a *United Press* (UP), cujos textos, dentro do período que abordamos, se fazem presentes especialmente no ano de 1936, e a *Associated Press* (AP) que, no mesmo período, veio a possuir grande peso dentro do noticiário internacional do *Correio do Povo* a partir de 1938.¹⁸ De fato, na atuação destas duas agências, não costumava ficar explícito o posicionamento pró-franquista que vemos nas matérias sob responsabilidade da AB, muito embora classificá-las como favoráveis ao governo da Frente Popular também não nos pareça uma leitura correta. Com efeito, a leitura do conflito apresentada por estas empresas norte-americanas parece muito próxima da posição de não-intervenção assumida pelo governo de seu país, não se comprometendo nem com um movimento de corte fascista, nem com um governo formado pelos mais diversos matizes de esquerda, mas defendendo a supremacia da democracia burguesa como valor absoluto no exato momento em que a política norte-americana orientava-se para o aumento de sua influência na América Latina e para o fim de seu isolamento quanto às questões europeias. Apresentamos a seguir dois exemplos de notas publicadas; a primeira, de caráter mais informativo sobre detalhes do conflito, e outra, onde

¹⁷ CORREIO DO POVO, 25 jul. 1937, p 1. O periódico *Der Angriff* (O Ataque), foi lançado por Goebbels em 1927, e era por ele dirigido, sendo utilizado para atacar os inimigos do Partido Nazista (NSDAP) durante o governo de Weimar. Após 1930, Goebbels transforma-o em um veículo diário de propaganda (Cfe. RHODES, 1976: 30).

¹⁸ Em sua entrevista a José Antônio Pinheiro Machado, Breno Caldas declara: “Eu sempre gostei mais da AP, mais sóbria, mais cautelosa... eu diria... mais Correio do Povo!” (Cfe: MACHADO, 1987: 20).

transparece a posição norte-americana:

O Recrutamento de Elementos Franceses para Servirem na Milícia Marxista Espanhola

PARIS, 5 (U.P.) – Com a aprovação tácita do governo francês, a embaixada espanhola desta capital iniciou, ontem, o recrutamento de voluntários que desejam servir na milícia da Frente Popular, como enfermeiros para trabalharem na organização do ‘Socorro Vermelho’, na Cruz Vermelha e nas unidades de socorros extremistas e socialistas.

Muito embora a França ainda não se tenha decidido apoiar a Frente Popular na Espanha, os franceses alegam que diversos aviões têm seguido para Madrid, onde estão sendo utilizados contra as forças rebeldes (...).¹⁹

Voltou Desiludido da Espanha”

“BOSTON, 8 (Associated Press) – Procedente da Espanha chegou hoje a esta cidade o jovem Edgar Lehman, estudante da Universidade de Chicago, que afirmou voltar ‘desiludido’ e contente por se achar novamente na terra onde a democracia é um verdadeiro ideal (...).²⁰

Um último grupo de notícias publicadas na seção internacional vinha sob a própria sigla do *Correio do Povo* (CP), estando presente sobretudo nos exemplares de 1937, onde, até o final do mês de agosto, praticamente dividia o monopólio das informações sobre a Espanha com as notas da AB. Tais matérias provinham especialmente do Rio de Janeiro, onde uma sucursal do jornal recebia-as pelo telégrafo, repassando-as posteriormente para a redação do jornal.²¹ A partir de setembro de 1937, a *Associated Press* passou gradualmente a tornar-se a responsável pela maior

¹⁹ CORREIO DO POVO, 06 ago. 1936, p. 2.

²⁰ CORREIO DO POVO, 09 dez. 1937, p. 2.

²¹ Informação cedida em 24/08/2001, nos estúdios da rádio Guaíba, pelo jornalista Walter Galvani. Em outra conversa informal, realizada em 21/11/2001, o jornalista Lauro Hagemann afirmou-me que tais matérias não provinham de uma agência específica, podendo assim possuir origens diversas.

quantidade de notícias provindas do exterior, com o que as notas internacionais vinculadas à sigla do jornal ficaram em um segundo plano. Por fim, as matérias próprias do periódico acabam por “especializar-se” na divulgação da movimentação de parte da colônia espanhola no estado, identificada com o nacionalismo, bem como em matérias consideradas relevantes, publicadas originalmente em outros jornais do Brasil e do mundo, que reproduziam opiniões de personalidades e viajantes recém chegados da Europa, tal como no trecho abaixo reproduzido:

A situação da Espanha

Através das declarações do sr. Antonio Lorragoiti

RIO, 2 (C.P.) – (...) A guerra no meu modo de pensar – prossegue o nosso entrevistado – e na opinião dos observadores mais abalizados já devia ter terminado.

Isso não aconteceu em virtude do extensivo auxílio de certas potências ao governo de Barcelona, o que determinou uma mudança nos planos do generalíssimo, e ocasionando um atraso. Entretanto se não surgirem outros fatores, que venham alterar a marcha dos acontecimentos, é possível que a luta esteja terminada com a vitória de Franco, antes do fim do ano (...).²²

Antes de passarmos a análise da forma específica com que as Brigadas Internacionais eram retratadas no *Correio do Povo*, há ainda um aspecto, acima citado, ao qual devemos nos reportar, uma vez que reflete de forma especial a posição assumida pelo jornal diante do conflito espanhol. Com efeito, as atividades desenvolvidas pelos elementos da colônia espanhola, radicada na capital e em determinados pontos do estado, identificados com o movimento nacionalista e organizados em um centro específico, com boa visibilidade dentro da sociedade porto-alegrense, recebiam, por parte do *Correio do Povo*, uma ampla divulgação, havendo, em contrapartida, um total silêncio quanto àqueles que

²² CORREIO DO POVO, 03 jun. 1938, p. 1.

porventura seriam vinculados politicamente ao governo republicano. A matéria abaixo exemplifica a forma com que as atividades desenvolvidas pela colônia espanhola identificada com o franquismo eram tratadas e divulgadas pelo jornal:

Círculo Espanhol Nacionalista

Comemorações do primeiro aniversário do movimento nacional – A próxima conferência é de autoria do embaixador José de Cárcer

Passou domingo último o primeiro aniversário do Movimento Nacional, que surgiu entre a indignação popular provocada pelos desmãos praticados pelo governo da Frente Popular, que desde a sua constituição – preconizada e financiada pelo Komintern de Moscou, se destacou pela onda de anarquia, ruína e desesperação que desencadeou na Espanha. (...)

Às 10:30 da manhã de domingo se celebrou o segundo dos atos comemorativos, que consistia numa Sessão Magna. O local que provisoriamente ocupa o CEN foi pequeno para conter a enorme concorrência que acudiu àquele ato patriótico. A colônia espanhola de ordem em uma solene manifestação de entusiasmo e de fé, demonstrou no domingo o seu repúdio aos traidores de Valência, por seus crimes de lesa-pátria. O CEN recebeu também a maior manifestação de adesão dos autênticos espanhóis residentes em Porto Alegre....

A solenidade terminou entre os acordes do Hino Nacional Brasileiro, espanhol e das nações amigas da Espanha.

No próximo dia 23, será pronunciada na sede do CEN uma importantíssima conferência do exmo. sr. José de Cárcer, embaixador do governo de Salamanca. Essa conferência será lida pelo sr. Alvaro Raya Ibañez, representante nacional em Porto Alegre.

O tema da mesma se prende a união dos partidos nacionalistas, fusionados pelo chefe do Estado Espanhol, Generalíssimo Franco (...).²³

Este silêncio quanto à existência de espanhóis opositores à causa franquista é ainda mais revelador do

²³ CORREIO DO POVO, 20 jul. 1937, p. 5.

posicionamento do jornal, a partir do momento em que temos em mente que a Guerra Civil Espanhola deveria constituir-se em assunto de especial interesse para a direção do *Correio do Povo*, uma vez que esta possuía raízes familiares na região da Catalunha²⁴.

O *Correio do Povo* e as Brigadas Internacionais

Nos momentos em que o editorial do *Correio do Povo*, ao tratar de política externa, deslocou seu foco da situação europeia, ou de forma mais específica, do conflito espanhol, para abordar a ação das Brigadas Internacionais, é possível verificar a permanência da mensagem anticomunista então predominante nos textos veiculados pelo jornal. Assim, se a Guerra Civil Espanhola se coloca como um fato didático a mostrar o caminho a não ser seguido pelo Brasil, as Brigadas Internacionais eram vistas como o instrumento direto através do qual a Rússia comunista procurava estender seus tentáculos pelo mundo, a fim de impor uma política de sovietação e de luta de classes. Desta forma, ao analisar a atuação na Espanha, um editorial de dezembro de 1936 comenta:

Trata-se, de fato, de uma obra satânica dos soviets. Estes introduziram na Espanha um aluvião de agitadores, soldados, armamentos e munições. Estão, por isso mesmo, aptos a levar de vencida o plano que traçaram e não cederão facilmente os direitos que usurparam à própria nacionalidade espanhola, procurando não só a expansão como a penetração mais profunda.²⁵

Apenas três dias depois, esta opinião do *Correio do Povo* era reforçada em novo editorial, onde este afirmava que

²⁴ Com efeito, Dolores Caldas, esposa de Caldas Junior e mãe do então diretor-presidente, Breno Caldas, era natural de Barcelona (Cfe DILLENBURG, 1997: 45).

²⁵ CORREIO DO POVO, 17 dez. 1936, p. 5.

“deixar, agora, que a Espanha lute desamparada contra a Rússia direta e contra a Rússia indireta, isto é, contra as forças que vêm da Rússia e as forças que se encontravam de encomenda dentro do país equivale a desamparar a Europa em sua integridade política e histórica...”²⁶ Desta forma, os editorialistas buscavam demonstrar, aos olhos de seus leitores, como a atuação das Brigadas Internacionais inseria-se no contexto maior de expansão russa, movimento este que, em suas opiniões, ameaçava a ordem vigente no mundo ocidental como um todo, e no continente americano de forma mais específica.

Todavia, quando analisadas as notas e matérias publicadas sob identificação das agências de notícias anteriormente comentadas, é possível perceber a existência de visões muito distintas sobre os voluntários, conforme a origem do texto. Assim, os integrantes das Brigadas Internacionais por vezes são identificados como homens dotados de um grande senso de desprendimento material, e outras como agentes mercenários pagos pelo ouro de Moscou em prol da revolução mundial. Desta forma, outro “instrumento didático” passível de uso era estabelecer uma comparação entre os voluntários internacionalistas e os militares estrangeiras a serviço de Franco. O texto abaixo, identificado pela sigla da AB e reproduzindo comentários do jornal alemão “B. Z. Am Mittag” exemplifica bem esta situação:

Os milicianos que combatem ao lado das forças marxistas devem ser considerados como ‘mercenários’, inimigos que vendem a sua vida em troca de ouro e que pervertidos moralmente pelas doutrinas do comunismo, já não compreendem mais a sua situação de estrangeiros que lutam em terra estrangeira em defesa não de um ideal, mas de uma doutrina que pretende tudo destruir abrindo caminho à tão

²⁶ CORREIO DO POVO, 20 dez. 1936, p. 5.

almejada revolução mundial do ditador da União Soviética. Os voluntários estrangeiros que combatem ao lado do generalíssimo Franco apresentam uma característica moral contrária a [esta] e muito mais elevada. Esses voluntários lutam para impedir que a Espanha perca a sua individualidade mais para impedir que a Península Ibérica não se transforme numa sucursal europeia do comunismo vermelho da Rússia para que o Mediterrâneo não passe a servir amanhã de base dos verdadeiros piratas da marinha internacional.”²⁷

A par desta perspectiva oferecida pela AB, as agências internacionais de notícias (*United* e *Associated Press*), ao tomar como tema de seus artigos as Brigadas Internacionais e sua atuação ao longo da Guerra Civil Espanhola, ofereciam uma visão bem mais despojada do ranço nacionalista então imposto e/ou existente na imprensa brasileira. Assim, os textos destas agências, ao mesmo tempo em que forneciam uma posição mais próxima da pretensa neutralidade do *Correio do Povo*, ofereciam uma ideia da trajetória e da importância dos internacionalistas no conjunto das forças legais, desde a formação de seus contingentes até sua atuação efetiva nos campos de combate. São frequentes, por exemplo, notas referentes ao recrutamento de voluntários e sua penetração, geralmente através da fronteira franco-espanhola, em território governista. O texto abaixo exemplifica a forma como o papel desempenhado pelas Brigadas Internacionais dentro da Guerra Civil Espanhola era demonstrado por tais agências:

O Sacrifício De Uma Brigada Internacional

“HENDAYE, 1º (Associated Press) – Os círculos governistas da fronteira informam que um destacamento da brigada internacional fez um sacrifício que permitiu a travessia do exército legalista através [d]o rio Ebro, há uma semana,

²⁷ CORREIO DO POVO, 13 nov. 1937, p 2. Note-se que este texto é publicado no contexto de instauração do Estado Novo, já apontando assim para a postura assumida pelo periódico partir de então.

afirmando que várias centenas de homens da brigada atravessaram o Ebro pela primeira vez, perto de Amposta, ao amanhecer do dia 25 de junho, atraindo a atenção dos rebeldes e lutando durante horas, enquanto milhares de outros soldados governistas atravessavam o rio mais ao norte (...) O comunicado rebelde confirmou que a maioria dos mortos naquele setor eram internacionais ...”²⁸.

Todavia, em alguns momentos, mesmo estas agências acabavam por apresentar artigos ou notas que se alinhavam com a visão franquista de combate ao perigo soviético, seja imputando às tropas de voluntários internacionais valores pretensamente negativos, tais como contínuos insucessos no campo de batalha, ou ainda divulgando o conteúdo dos comunicados oficiais nacionalistas:

O Comunicado Nacionalista

SALAMANCA, 11 (Associated Press) – O quartel general rebelde publicou o seguinte comunicado: “No setor do Ebro, as nossas tropas continuaram a avançar e capturaram Sierra de Santa Magdalena. As tropas que a defendiam foram aniquiladas. Capturamos mais de cem prisioneiros, todos de nacionalidade estrangeira e pertencentes a uma das brigadas Lister.”²⁹

Semelhante forma de acompanhamento quanto à formação e importância das Brigadas Internacionais era feita através das notícias publicadas sob a sigla do próprio *Correio do Povo*. Muito embora tal fato contraste com o posicionamento que o jornal assumia através de seus editoriais, e que realmente o conjunto das matérias a ele próprio vinculadas possa parecer algo ambíguo, não devemos esquecer que tais notícias provinham de origens diversas, o que refletia-se na ausência de uma linha única na abordagem do tema. Assim, da mesma forma em que a Brigada

²⁸ CORREIO DO POVO, 02 ago. 1938, p. 2.

²⁹ CORREIO DO POVO, 12 ago. 1938, p. 2.

Internacional era exaltada por constituir-se no principal grupo responsável pela contenção dos avanços nacionalistas, era igualmente classificada como sendo um grupo formado por homens desocupados em seus países de origem, que lutavam em troca de um soldo ou simplesmente haviam sido ludibriados através de propostas de trabalho na Espanha.³⁰ Todavia, esta forma dual de abordar a ação dos brigadistas, ainda que útil para quem pretendia se apresentar sob o manto da neutralidade, acabaria dando margem a momentos onde os mesmos serão apresentados não como simples milicianos republicanos, mas como verdadeiro exemplo de desprendimento no combate às forças rebeldes. Talvez a melhor amostragem deste fato seja o trecho abaixo, publicado durante o início do conflito:

Um Comunicado De Madrid

MADRID, 10 (C.P.) – (...) Os milicianos sentem-se encorajados pela atitude desses voluntários, vindos de toda a parte do mundo, que apesar de não falarem a mesma língua, entendem-se perfeitamente quando lutam. Esta legião é composta por homens curtidos nas lutas de rua, russos, alemães, italianos, franceses e americanos. Espera-se proximamente a chegada de mais voluntários estrangeiros. Esses homens que mantêm sempre um risonho bom humor, atiram-se à luta com furor e tenacidade inauditas. Manejam todas as armas. A metralhadora, a granada de mão, a baioneta e a navalha lhes são igualmente familiares. A legião internacional de voluntários contribuiu decisivamente para que os rebeldes fossem detidos no quarteirão do sul. A ‘Coluna Internacional’ parte de uma frente a outra, onde é preciso combater com segurança e arrojo”.³¹

³⁰ Ver, a título de exemplo, as matérias intituladas “Os ingleses que lutam na Hespanha” e “Nos Estados Unidos alliciam-se voluntários para a Hespanha vermelha”, respectivamente nas edições de 09 mar. 1937, p. 3, e 26 mai. de 1937, p. 3. Embora tal fato tenha integrado o discurso da direita, o engajamento de homens desempregados era uma realidade em alguns casos.

³¹ CORREIO DO POVO, 11 nov. 1936, p. 2.

Quanto à presença de brasileiros nas Brigadas Internacionais, foi guardado o mais absoluto silêncio até quase o final do conflito. Com efeito, a primeira referência a um brigadista brasileiro acontece apenas na edição de 17 de janeiro de 1939, sem que este seja identificado nominalmente. Exatamente um mês após, foi citada a existência de um grupo de 35 brasileiros nos campos de concentração franceses, sem que sejam, no entanto, identificados.³² Um único brigadista brasileiro é citado nominalmente no período analisado: o capitão José Gay da Cunha, quando, conforme a edição de 8 de fevereiro de 1939, este coordenava a retirada de um grupo de voluntários sul-americanos rumo à França.³³ No entanto, neste momento, refletindo a linha editorial adotada na conjuntura do Estado Novo, as páginas do *Correio do Povo* utilizaram-se novamente do contexto espanhol a fim de apregoar o perigo comunista, estabelecendo para tal a associação da figura do protagonista da notícia com tal situação:

O Capitão Gay Participou Do Levante Comunista, Tendo Sido Condenado Pelo T. De Segurança

RIO, 8 (C.P.) – (...) Procurando esclarecer a verdadeira personalidade deste últi[m]o a “A Noite” procurou o desembargador Barros Barreto, presidente do Tribunal de Segurança Nacional, que declarou: “A julgar pelo texto do telegrama deve tratar-se do ex-tenente José Gay da Cunha, pertencente a aviação militar, tendo participado do levante comunista de novembro de 35.

³² Este número, todavia, é considerado sobremodo elevado. Apolônio de Carvalho, em seu livro-depoimento, comenta que o contingente de brasileiros nas Brigadas Internacionais era composto por “não mais que uma vintena de combatentes” (Cfe: CARVALHO, 1998: 122). Já Jorge Christian Fernandez apresenta um número superior de voluntário brasileiros, considerando não somente o contingente militar, mas também civis que chegaram clandestinamente à Espanha, além de espanhóis retornados ou mesmo os integrantes de uma primeira ou segunda geração de descendentes de espanhóis (Cfe: FERNÁNDEZ, 2003).

³³ Ver CORREIO DO POVO, 8 fev. 1939, p. 2.

Preso, conseguiu recuperar a liberdade em virtude de 'habeas-corpus' impetrado pelo Supremo Tribunal Militar. O processo correu assim – a revelia, tendo sido julgado a 27 de novembro de 1937, quando o ex-tenente foi condenado a oito anos de prisão”.³⁴

Desta forma, o silêncio sobre a participação de brasileiros nas Brigadas Internacionais neste período, acabou por se mostrar como uma constante. Quando rompida tal situação, foi privilegiado o aspecto da impessoalidade, apresentando-se estes brigadistas simplesmente á nível de grupo. Já a citação acima, adequou-se à linha política seguida pelo periódico, fruto direto do contexto histórico em que o jornal estava inserido.

Últimas considerações

A título de conclusão, reafirmamos aqui o “caráter pedagógico” com que a Guerra Civil Espanhola foi apresentada à sociedade gaúcha através das páginas daquele que era, no momento, um dos principais veículos de comunicação social e formação de opinião pública no Rio Grande do Sul, uma vez que sentimentos caros à administração brasileira, como o nacionalismo e o anticomunismo, integravam também o contexto do conflito na Península Ibérica. Desta forma, o *Correio do Povo*, através de seus editoriais e tendo a Espanha como exemplo, buscava despertar na população a consciência do “perigo vermelho”, o qual deveria ser combatido através da unidade em torno do sentimento de nacionalidade e do rechaço a idéias que pudessem ser associadas a uma pretensa expansão soviética. Assim, o posicionamento pró-franquista, apresentado de forma mais ou menos velada conforme o momento, foi apenas uma decorrência natural da identidade

³⁴ CORREIO DO POVO, 09 fev 1939, p 12.

de valores em contextos diversos.

A forma por vezes ambígua com que as Brigadas Internacionais foram retratadas era, em grande medida, uma decorrência da origem diversa das matérias veiculadas pelo jornal. Embora tal fato pudesse parecer contraditório, sem dúvida auxiliava na construção da imagem de neutralidade conveniente ao *Correio do Povo*. Ainda assim, dentro de um grande contraste de informações, faz-se possível aferir, através de suas páginas, não somente o grau de importância que tais contingentes tiveram dentro das forças republicanas, mas também resgatar, de forma linear, sua atuação na Guerra Civil Espanhola, na defesa de um governo legitimamente constituído e no combate aos valores totalitários que então visavam se impor tanto na Europa como em outras partes do mundo.

Por fim, seguindo sua linha política editorial, o *Correio do Povo* apresentou o conflito na Espanha como um acontecimento onde duas facções opostas se enfrentavam pela supremacia política do país, refletindo conflitos que naquele instante já operavam a nível mundial. Seus editorialistas manifestavam seu posicionamento contrário à República Espanhola, considerando esta como representante dos interesses soviéticos a ameaçar os valores tradicionais (políticos, sociais, culturais e religiosos) da civilização ibérica. Enquanto isto, as notas enviadas pelas agências desempenhavam a função de, através do caráter informativo, assegurar a hegemonia de sua verdade e garantir sua aura de imparcialidade. Assim, ainda que a simpatia para com as forças fascistas tenha sofrido oscilações durante o desenrolar do conflito, jamais posicionou-se o *Correio do Povo* favoravelmente à República democraticamente eleita, sendo, em contrapartida, a ditadura franquista vista como uma necessidade que se apresentava naquele momento histórico.

Bibliografia

- CARVALHO, Apolônio de. **Vale a Pena Sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo: história e memórias**. Passo Fundo: Ediupf, 1997.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.
- FERNÁNDEZ, Jorge Christian. “**Voluntários da liberdade**”: **militares brasileiros nas Forças Armadas Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. São Leopoldo: UNISINOS – Dissertação de Mestrado, 2003.
- GALVANI, Walter. **Um Século de Poder: os bastidores da Caldas Junior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- GOULART, Silvana. **Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.
- MACHADO, José Antônio Pinheiro. **Breno Caldas: meio século de Correio do Povo – glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- RHODES, Anthony. **Propagand: the art of persuasion in World War II**. New York: Chelsea, 1976.
- RUDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em Perspectiva**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
- TAVARES, José Nilo. Getulio Vargas e o Estado Novo. In: SILVA José Luiz Werneck (org.). **O Feixe: o autoritarismo como questão teórica e historiográfica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa e Estado Novo: do discurso nacionalista ao discurso democrático. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **Imprensa & História**. Porto Alegre:

APGH/PUCRS, 1997.

_____. **Imprensa: política e cidadania.** Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

Fontes

Correio do Povo: Janeiro/1936 - Agosto/1939. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, exceto:
Novembro/1937, Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho.
Fevereiro/1938, Arquivo Correio do Povo.

Recebido: 12/08/2016

Aprovado: 24/10/2016